



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

RAFAELA MENDONÇA DE ALMEIDA

NIETZSCHE E A CRÍTICA GENEALÓGICA DOS VALORES MORAIS

CAMPINA GRANDE – PB

2019

RAFAELA MENDONÇA DE ALMEIDA

NIETZSCHE E A CRÍTICA GENEALÓGICA DOS VALORES MORAIS

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito final à obtenção do título de graduada em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo

CAMPINA GRANDE – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447n Almeida, Rafaela Mendonca de.
Nietzsche e a crítica genealógica dos valores morais
[manuscrito] / Rafaela Mendonca de Almeida. - 2019.
31 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Moral cristã. 2. Transmutação dos valores. 3. Crítica
genealógica. I. Título

21. ed. CDD 193

RAFAELA MENDONÇA DE ALMEIDA

NIETZSCHE E A CRÍTICA GENEALÓGICA DOS VALORES MORAIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito para obtenção do título de Graduado no
Curso de Licenciatura em Filosofia pela UEPB.

Aprovado em: 07/06/19.

BANCA EXAMINADORA

Thalles Azevedo de Araujo

Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Arthur Leandro da Silva Marinho

Prof. Me. Arthur Leandro da Silva Marinho (Examinador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Roberto Pereira Veras

Prof. Me. Roberto Pereira Veras (Examinador)

Instituto Federal do Acre (IFAC)

CAMPINA GRANDE – PB

2019

A minha mãe, Vitória, que é o mais belo ser humano, a mulher (pessoa) mais forte que conheço, meu primeiro e eterno amor. A minha filha, Alissa, um amor que surge sem explicação, DEDICO.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. TRANSMUTAÇÃO DOS VALORES: BOM E RUIM, BOM E MAU.....	8
3. A NOÇÃO DE MÁ CONSCIÊNCIA: DA BASE ANTROPOLÓGICA À MORAL...12	12
4. O ASCETISMO COMO FUNDAMENTO DA MORAL CRISTÃ.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

NIETZSCHE E A CRÍTICA GENEALÓGICA DOS VALORES MORAIS

Rafaela Mendonça de Almeida¹

Resumo

O presente artigo tem por finalidade estudar a crítica genealógica que Nietzsche faz em relação a influência que a moral cristã exerce sobre o homem que a segue e de que forma se realiza a transmutação dos valores morais. Este artigo visa observar e analisar textos bibliográficos. Tendo como obra principal *Genealogia da Moral*, de Nietzsche (2009), bem como outras obras do filósofo: *Além do bem e do mal* (2005), *A vontade de poder* (2011), dentre outros comentadores e obras. Neste aspecto, nosso trabalho elucidava a questão do valor dos valores morais no âmbito da revolução judaico-cristã na cultura ocidental, bem como os conceitos de má consciência, culpa (*Schuld*) e ideais ascéticos, todos relacionados à moral do ressentimento.

Palavras-chave: Moral cristã. Transmutação dos valores. Má consciência.

NIETZSCHE AND A GENEALOGICAL CRITICAL OF MORAL VALUES

Abstract

This article aims to study the genealogical critique that Nietzsche regarding the influence that Christian morality exerts on the man who follows it and in what form the transmutation of moral values takes place. This article aims to observe and analyze bibliographic texts. Having as main work “*On the Genealogy of Morals*”, by Nietzsche (2009), as well as other works of the philosopher: “*Beyond Good and Evil*” (2005), “*The Will to Power*” (2011), among other commentators and works. In this aspect, our work elucidates the question of the *value* of moral values within the Judeo-Christian revolution in Western culture, as well as the concepts of bad conscience, guilt (*Schuld*) and ascetic ideals, all related to the moral of resentment.

Keywords: Christian Morals. Transmutation of values. Bad conscience.

1. INTRODUÇÃO

A moral é o senso crítico do homem. É o conjunto de normas que ele utiliza para controlar e conduzir as ações constituídas e impulsionadas em torno do ser. Essa moral se qualifica como membro da razão, tendo o objetivo de conduzir e controlar o homem desde o pensar até o momento do agir, fazendo com que ele seja capaz de discernir qual é o momento adequado para cada coisa, levando em consideração o que o mesmo tem como vontade

¹ Aluna do Curso de Licenciatura em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: mendoncarafaela.51@gmail.com

própria, como necessidade do ser. De tal forma, o homem é capaz de se ouvir, refletir, analisar e pôr em prática o que deseja e o que pode ser feito mediante cada situação, assim como a elaboração dos seus próprios princípios morais.

A moral cristã, por outro lado, busca criar e impor uma realidade metafísica, tomando como base a ideia de um Deus cristão que é onipotente e onisciente, capaz de estar em todo e qualquer lugar, ver e controlar tudo que é feito, sendo punidor dos pecadores, aqueles que não seguem os seus mandamentos, indo de forma contrária ao que é pregado pelos sacerdotes - aqueles que propagam a palavra de Deus -, com isso cegam, enganam, manipulam o indivíduo para que ele seja contido e omissos conforme à sua maneira, de acordo com o conceito de bom cristão, que aceita tudo que lhe é imposto em nome de Deus. Estes sacerdotes utilizam o misticismo, a fantasmagoria, para acalantar a necessidade humana de justificar o mundo e a própria existência tentando encontrar na crença religiosa uma esperança que os conduza a uma vida rodeada pelas dádivas divinas. Diante disso, vê-se a vida humana como a porta de entrada para a eternidade no reino dos céus.

Nas obras de Friedrich Nietzsche é possível observar sua análise genealógica da cultura moderna, sobretudo, no que diz respeito aos valores morais e, assim, exibe o caráter da moral cristã, onde realiza críticas sobre ela, elucidando os ditames metafísicos, ilusórios e, ao mesmo tempo, caracterizando os aspectos que definem a moral cristã como uma ideia que manipula, controla e inibe o sujeito dentro de si mesmo. Nietzsche elabora explicações dirigidas à origem e à transformação dos valores *bom* e *mau*, no decorrer da história do Ocidente. Uma das perspectivas expostas consiste em criticar a moral cristã, essa que inclina o ser humano a ser conduzido contra seus impulsos (instinto animal do homem), o seu eu natural, internalizando seus instintos para viver de uma forma idealizada e divinizada, submetendo o ser ao engano, ao desconhecido, ao nada. Ele afirma que renegar a vontade natural do ser é algo diferente de bom, assim como ideia de que o homem prefere acreditar que o nada é alguma coisa, ao invés de crer que o nada é simplesmente nada. Dessa forma, ele ignora o fato de renunciar a si mesmo, suas vontades, para se dispor a um ser cuja identidade é desconhecida e a existência é metafísica.

Segundo Nietzsche (2009, p. 16), “[...] o juízo “bom” não provém daqueles aos quais se fez o bem”. Para ele, o homem verdadeiramente bom é diferente daquele bom homem apresentado pela moral cristã. O bom está ligado ao homem forte, nobre, que luta e expõe

suas ideias, lutando contra a invalidez do corpo, da alma. Enquanto que na moral cristã o bom é aquele que se guarda, que segue os costumes cristãos, o fraco, esse que se torna indiferente as necessidades do homem, se abstém esperando uma recompensa divina, além da vida terrena.

Este trabalho consiste em analisar a questão do *niilismo* no âmbito da cultura moderna, bem como a crítica feita por Nietzsche à moral cristã, a maneira como o homem permite que o ascetismo se imponha sobre ele, fazendo com que o mesmo desconsidere a realidade a sua volta e assim se baseie a partir da crença no nada, deixando-se acreditar na ideia do *bem* além da vida terrestre, tal como a negação da vontade de si mesmo. O homem como escravo da metafísica.

Metodologicamente, este trabalho está estruturado na observação e estudo de textos bibliográficos referentes à questão da moral cristã com base na obra de Nietzsche, *Genealogia da moral*, dentre outras de suas obras, como *Além do bem e do mal*, *O anticristo*, assim como de comentadores como Roberto Machado, dentre outros.

No que diz respeito a organização do texto, o mesmo se encontra dividido nos seguintes tópicos: No **primeiro momento**, *A transmutação dos valores, bom e ruim, bom e mau*, descreve o surgimento da moral cristã, a questão do ser bom/mau e como o homem bom pode se tornar um homem mau e um homem mau pode se tornar bom, esse aspecto é exposto a partir de dois pontos de vista: 1) A visão pagã; 2) A visão judaico-cristã.

Em **segundo lugar**, *A noção de má consciência em Nietzsche: da base antropológica à moral*, busca elucidar a questão da má consciência, onde o indivíduo é manipulado pela moral cristã e com isso surge nele o estado de ressentimento, o medo de ser castigado, a rejeição de si mesmo.

E por fim, no **terceiro momento**, *O ascetismo como fundamento da moral cristã*, consiste em definir a doença que a moral cristã transmite àquele que decide deixar-se influenciar, dominar por ela. O ideal ascético propaga a promessa divina de uma vida além da terrena.

Diante disto, comecemos a análise dos fatos que levaram Nietzsche a se opor à moral cristã, a crítica que ele faz sobre seus ensinamentos e promessas. O percurso traçado pelo cristianismo, a rejeição do indivíduo ao seu devir. A indicação de homem livre e racional.

2. A transmutação dos valores: Bom e ruim, bom e mau

A questão do “valor” dos valores morais é abordada por Nietzsche a partir de uma genealogia da moral, este método é utilizado para abordar a questão dos valores morais que, de acordo com Nietzsche, dado um valor determinado, não seria necessário se perguntar sobre sua verdade e sua validade intrínsecas, mas sobre suas condições de produção, pois um valor é apenas sintoma de um tipo de vida, de uma formação de domínio. Para entendermos melhor sobre do que se trata a genealogia da moral, observemos a seguinte citação:

Assim, quando a genealogia avalia o conhecimento, o importante não será perguntar se ele é verdadeiro ou falso. Inúmeras vezes Nietzsche assinala que o falso tem uma positividade quando considerado na perspectiva da vida, ressaltando mesmo o caráter negativo da verdade pelo fato de ser a supressão de um erro, de uma ilusão que é uma exigência básica da vida. O que é significativo nessa tentativa de inversão dos valores estabelecidos, como toda vez que Nietzsche elogia a aparência, é que o importante não é a verdade, mas a força do conhecimento. (MACHADO, 1999, p. 55).

Ou seja, a análise feita pela genealogia em relação aos conceitos de valores morais, não está ligada ao que é verdadeiro ou falso, e sim no conhecimento a respeito do valor, pois nesse aspecto (do conhecimento) a sua veracidade pode variar de acordo com dada circunstância, nesse caso, a vida. A verdade pode afirmar algo que será revisto e, portanto, reafirmado de outra forma, transformando a antiga verdade em mentira, diante disso o senso comum (o falso) pode consentir como algo necessário, a ilusão é conveniente. Com isso, diante da perspectiva de Roberto Machado a respeito de Nietzsche, ele percebe que o conhecimento contido no falso pode ser capaz de satisfazer, convencer, um indivíduo sobre sua veracidade, portanto, o que importa nessa análise é a força, o poder, do conhecimento.

Um valor resulta sempre de uma avaliação, por isso, Nietzsche critica a ideia do valor em-si. Mas uma avaliação não é só um ponto de vista sobre o mundo, ela exprime exigências psicofisiológicas, ela é indissociável do corpo que a gerou, da hierarquia instintiva aí presente, dos processos interpretativos do próprio organismo, isto é, de seus modos de apropriação de uma exterioridade. Em outras palavras, um valor tem sempre uma genealogia da qual dependem a nobreza e a baixeza daquilo a que ele nos convida a acreditar, a sentir e a pensar:

[...] a questão da verdade nasce, para Nietzsche, no bojo da moral; este é o seu aspecto mais essencial, a ponto de não se poder escapar da moral sem se libertar da vontade de verdade. Neste sentido, em vez de a genealogia ser uma pesquisa sobre a verdade do valor, ela é muito mais propriamente uma pesquisa sobre o valor da verdade. (MACHADO, 1999, p. 60).

Ou seja, vendo que a verdade, de alguma forma, nasce da moral enquanto houver vontade em compreender a verdade haverá, então, o aspecto moral, pois ambos caminham juntos. Consistindo em uma pesquisa que avalia em que reside a verdade, a qual valor está ligado a verdade, a verdade é o ponto em que se assenta o conhecimento.

Mediante o que já foi dito tentemos, primeiramente, refletir a respeito do que significa as palavras *bom* e *ruim*. Vejamos: a palavra *bom*, em sentido formal, quer dizer efetuar, desenvolver algo conforme o que se foi exigido, obter bom desempenho na tarefa que foi destinado a fazer; *ruim*, por outro lado, é quando algo não é ou não obteve um resultado satisfatório, sendo inútil por não desempenhar de forma adequada determinada coisa. Esses significados são atribuídos de forma adjetiva, quando não a interseção moral em sua definição, sendo bom e ruim em sua natureza.

Quando não havia a perspectiva moral cristã sobre o julgamento das coisas, o que agia sobre a idealização de *bom* era a visão da nobreza (nesse caso, Nietzsche faz uma referência à aristocracia da civilização grega), onde o *bom* condiz com o espírito de nobreza, aquele que nasce em boa família, que pertence à classe nobre e, assim, está predestinado a ser alguém importante e de bons feitos, com oportunidades e conquistas a serem contempladas. Sendo distante do plebeu, pobre, inferior, comum, igual a todos, seria esse o sentido de *ruim*, algo que é diferente de *bom*. Isto pode ser observado na seguinte afirmação de Nietzsche (2009, p.18):

[...] em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem-nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim”.

Diante dessa perspectiva, o *bom* se tornou o nobre, enquanto que o *ruim* passa a ser o plebeu. Com isso, observa-se a visão não moral e sim aristocrática, onde o nobre, que afirma a vida é superior, subentendo que este se diferencia por realizar suas atividades e “grandes feitos”, esse que indica um estado de bondade e nobreza, trazendo consigo o sentido de *bom* e, com isso, afirma-se o direito de estar acima dos outros (dos plebeus, comuns). Dessa forma, resta para os outros a condição de plebeu, os pobres, aqueles que não são nobres, o estado de inferioridade, associando-o aquilo que é comum e, portanto, ruim.

É na relação moral que ocorre a transmutação dos valores. Com a genealogia da moral, Nietzsche leva a cabo uma subversão crítica por meio da pergunta pela criação dos valores. O método genealógico surge como um instrumento de diagnóstico em dois sentidos: 1º) relacionar os valores com o momento em que eles foram criados, 2º) relacionar essas avaliações com os valores. Diante disso, encontramos duas perspectivas: a dos nobres e a dos ressentidos. O nobre cria o valor *bom* que atribui a si mesmo, depois, como uma *pálida imagem contraste*, cria o valor *ruim* (fracos, desprezíveis); os ressentidos, por sua vez, inventam o valor *mau* (os fortes): se ele é mau, então eu sou bom. O valor *bom* surge de um movimento de reação, do sentido natural dos termos *bom* e *ruim*. O que antes era atribuído à ação afirmadora da existência, agora é visto como comportamento em relação ao outro, visto a partir das suposições morais. Ou seja:

[...] a palavra “bom” não é ligada necessariamente a ações “não egoístas”, como quer a superstição daqueles genealogistas da moral. É somente com um declínio dos juízos de valor aristocráticos que essa oposição “egoísta” e “não egoísta” se impõe mais e mais à consciência humana – é, para utilizar minha linguagem, o instinto de rebanho, que com ela toma finalmente a palavra (e as palavras). (NIETZSCHE, 2009, p. 17).

A questão do *bom* ou *ruim* não deve ser vista de forma egoísta ou não, onde as ações determinam o seu ser, vendo que dessa forma o *bom* estaria limitado a uma determinada atitude, comportamento, vendo que seu significado está além de uma ação. Quando a moral passa a ser usada como referência para determinar ou qualificar atos e comportamentos, a palavra muda de sentido, aliás a forma de utilizar os adjetivos *bom* e *ruim* variam de acordo com a questão pessoal, moral, agindo diretamente na consciência humana.

Quando levado para o sentido moral, o *bom* e *ruim* tomam posições diferentes do que foi proposto antes pela aristocracia, ideal de nobreza de espírito. Por outro lado, em uma nova visão moral a pessoa boa é aquela que tem boas ações (ações não egoístas), que é conduzido pelo propósito religioso, inferindo na consciência humana, agindo em prol de um deus, de uma busca divina, absoluta, é o homem que se priva das vontades impuras do corpo e se dedica à pureza divina, guardando-se para uma vida superior, além desta. Enquanto que o *ruim* é aquele que se nega a viver sob os domínios religiosos (com atitudes egoístas) e, conseqüentemente, não cumpre os mandamentos impostos pela casta sacerdotal, onde o papel do padre é, nesse sentido, descarregar e aliviar seu rebanho do ressentimento, para Nietzsche (2009, p. 107-8):

De fato ele defende muito bem o seu rebanho enfermo, esse estranho pastor — ele o defende também de si mesmo, da baixeza, perfídia, malevolência que no próprio rebanho arde sob as cinzas, e do que mais for próprio de doentes e combatidos; ele combate, de modo sagaz, duro e secreto, a anarquia e a autodissolução que a todo momento ameaçam o rebanho, no qual aquele mais perigoso dos explosivos, o ressentimento, é continuamente acumulado. Descarregar este explosivo, de modo que ele não faça saltar pelos ares o rebanho e o pastor, é a sua peculiar habilidade, e suprema utilidade; querendo-se resumir numa breve fórmula o valor da existência sacerdotal, pode-se dizer simplesmente: o sacerdote é aquele que *muda a direção* do ressentimento.

Ou seja, o ressentido é alguém que sofre e se afoga em memórias tristes e sombrias, buscando um culpado para servir de direção para seu ódio, o padre é o bom pastor que cuida das suas ovelhas (os ressentidos) e que muda a direção do seu ressentimento, fazendo-o se enxergar como responsável por seu próprio sofrimento. A má consciência é o ressentimento voltado contra si próprio, e assim regem o povo para encontrar a felicidade eterna numa vida além desta, a busca pela vida e glória no reino divino de Deus.

Pois o homem ruim é ruim apenas por erros; se alguém o livra do erro, torna-o necessariamente — “bom”. — Esta maneira de raciocinar cheira a plebe, que no mau agir enxerga apenas as consequências penosas, e verdadeiramente julga que “é estúpido agir mal”; enquanto admite sem problemas a identidade de “bom” com “útil” e agradável. (NIETZSCHE, 2005, p. 79).

Com isso, entende-se o sentido de *ruim*, o erro conduz o homem a ser classificado como bom ou ruim, se ele erra é *ruim*, caso ele se livre do erro se torna *bom*. Ou seja, a identidade de bom, ruim ou mau está contido no observador, cada qual irá definir-se como bom e a classe oposta como ruim/mau, ambas irão classificar sua posição com base no que é ideal e propenso para a conservação de si mesmo. O comum verá o aristocrata como mau, o aristocrata verá o comum como ruim.

[...] o fato de a casta mais elevada ser simultaneamente a casta sacerdotal, e, portanto, preferir, para sua designação geral, um predicado que lembre sua função sacerdotal. É então, por exemplo, que “puro” e “impuro” se contrapõem pela primeira vez como distinção de estamentos; aí também se desenvolvem depois “bom” e “ruim”. (NIETZSCHE, 2009, p. 21).

A partir desta citação é possível compreender que, diante da moral cristã, a ideia de superior toma um novo rumo onde os sacerdotes são representantes dos ditames de um ser superior, que representa um mundo eterno, desconhecido para nós, assim como se tornam julgadores dessa vontade superior, sendo assim eles, os sacerdotes, se tornam a classe superior

aos outros, por serem conhecedores da palavra divina, representantes de um deus e, com isso, eles impõem aos seus seguidores a forma “pura”, correta de agir para pertencer à moral cristã.

Com essa transmutação realizada pela moral cristã na cultura ocidental, começa a surgir os princípios morais onde o homem deve fazer de tudo para agradar a um deus e pertencer ao seu reino. Diz Nietzsche (2005, p. 57): — “Amar o homem por amor a Deus — foi, até o momento, o mais nobre e mais remoto sentimento alcançado entre os homens.” — O homem prega a ideia de que é necessário amar o próximo como a si mesmo, assim, ao mesmo tempo que se agrada, se ama a Deus, porém não se pode crer que tal afirmação seja posta como livre de intenção, pois, segundo o autor, é um equívoco afirmar tal coisa. O homem sempre age com alguma intenção, visando ser beneficiado de alguma forma, nesse caso busca a redenção, o descanso eterno. Ou seja:

[...] os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados! (NIETZSCHE, 2009, p. 23).

Diante disso, nota-se a inversão de valores, o que era *bom*, o nobre, o forte, destemido passa a ser *ruim*, o que era pobre, comum, necessitado, passa a ser *bom*. Surge então, a perspectiva judaico-cristã onde os pobres e impotentes serão exaltados e os nobres serão rejeitados. A forma que os sacerdotes utilizam para consolar os pobres e impotentes é aceitar a realidade medíocre e insignificante, depositando nele a esperança de que existe uma vida além da que se vive e se conhece na terra, essa outra vida que é eterna e próspera para quem cumprir com os requisitos da moral-cristã, sendo um ser bom. Segundo Nietzsche (2009, p. 26):

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento.

O que funda a moral escrava é, na verdade, uma reação ao não-eu, tal moral consiste na negação do devir, visando uma obrigação moral pregada a partir de conceitos orientados

por uma comunidade religiosa que segue princípios onde é necessário viver em função de um ser supremo, Deus, e, com isso, internalizar, reprimir as vontades de si mesmo. Negar instintos, afetos e liberdade para viver em Deus, seus imperativos e ensinamentos. Diante disso, é possível identificar o efeito causado no homem que nega a vida, o homem que se sente impotente ante o dever, esse que se transforma em ressentimento, em contrapartida nota-se a grandeza do espírito, a nobreza gerada pela afirmação da vida.

Diante da visão dos ressentidos é possível observar a variação da palavra que se opõe ao que é bom, o que antes era visto como ruim, agora se torna mau. Ruim se definia por ser diferente de bom, ser algo ou alguém a quem não se queria ser associado, alguém fraco, por exemplo: os plebeus, enquanto que o bom era caracterizado pelo ato de ser forte, que ocupava uma boa posição social, o destemido, porém, na visão do homem ressentido, aquele que aos olhos da nobreza era visto como algo ruim se torna o bom, ou seja, o pobre, a humildade, a fraqueza, agora vista como algo bom, enquanto que o que era bom, por sua vez, se torna mau, homens maus, cruéis e impiedosos. Podemos perceber que, agora, não é apenas uma oposição ao que é bom, mas, de fato, a caracterização de homem mau. Observa Nietzsche (2009, p. 28):

Este “ruim” de origem nobre e aquele “mau” que vem do caldeirão do ódio insatisfeito – o primeiro uma criação posterior, secundária, cor, complementar; o segundo, o original, o começo, o autêntico feito na concepção de uma moral escrava – como são diferentes as palavras “mau” e “ruim”, ambas aparentemente opostas ao mesmo sentido de “bom”: perguntemo-nos quem é propriamente “mau”, no sentido da moral do ressentimento. A resposta, com todo o rigor: precisamente o “bom” da outra moral, o nobre, o poderoso, o dominador, apenas pintado de outra cor, interpretado e visto de outro modo pelo olho do veneno do ressentimento.

O ressentimento na moral escrava deriva da questão do senhor e escravo, pois de que maneira um escravo poderia ver seu senhor, que apenas o atribui tarefas e ordens, cobrindo-o de maus tratos, humilhações e até atos de crueldade, como este ser poderia enxergar o seu nobre senhor como alguém bom? O bom, na visão escrava, são os próprios escravos, oprimidos, humilhados, que se cobrem na sombra do ressentimento como uma forma de se confortar, esperando que todo o sofrimento vivido seja uma forma de lhes dizer o quanto são bons e o quanto serão recompensados mais à frente, no reino do divino. No ressentimento, o que acontece é o domínio das forças reativas sobre as forças ativas, aqueles que não agem julgando aqueles que agem. O ressentido é alguém que nem age nem reage, realmente, idealiza uma vingança imaginária, fazendo com que o ressentido veja sentido na sua falta de força: tendo o outro como culpado do que ele não tem coragem de fazer, do que ele não é

capaz de ser. Concebendo o inimigo forte como homem mau ele pode, finalmente, ser o homem bom.

[...] Mas pode haver dúvida: considere-se diante de quem os homens se inclinam atualmente na própria Roma, como a quintessência dos mais altos valores – não só em Roma, mas em quase metade do mundo, em toda parte onde o homem foi ou quer ser domado –, diante de três judeus, como todos sabem, e de uma judia (Jesus de Nazaré, o pescador Pedro, o tapeceiro Paulo e a mãe do dito Jesus, de nome Maria). Isto é muito curioso: Roma sucumbiu, não há sombra de dúvida. (NIETZSCHE, 2009, p. 40).

A Igreja travou uma batalha entre os povos judeus e romanos. De um lado, o povo romano, nobre, forte, repleto de beleza e sabedoria, do outro lado os judeus representando todo o contrário do que é posto aos romanos, fraco, comum, dominado pela moral sacerdotal, povo que representa o ressentimento, mas que apesar de aparentar fraqueza acaba por dominar não só a Judéia, mas também Roma e o resto do mundo. A representação de Jesus, como filho de Deus e de uma judia, trouxe consigo o triunfo e a vitória dos judeus, bem como o da Igreja, o cristianismo surge e põe quase todo o mundo de joelhos, dispostos a prestar-se, a render-se a um judeu plebeu que morreu e ressuscitou, seja verdade ou não, a ideia do Deus que além de ser o senhor do povo ainda se sacrifica por ele, tomou conta de uma imensa população. O homem é domesticado pela moral cristã.

Com isso, chegamos à transmutação dos valores *bom* e *ruim*, que assumem outra forma, outra qualificação, antes visto de forma pagã, agora é exposto pelo ponto de vista judaico-cristã. O homem bom, na moral cristã, assume as características do plebeu, aquele que é humilde, sofredor, tendencioso ao ressentimento, disposto a negar a vida humana para obter as recompensas na “vida divina”, no reino de Deus, o consolo para toda sua miséria e sua falta de perspicácia. Por outro lado, o que era bom na moral nobre se torna mau, o homem forte, viril, corajoso, destemido, o nobre, agora é visto como um ser cruel e impiedoso, esse que não é merecedor das graças do céu, assim como ele não se dispõe a elas. O homem bom é seguidor e temente a Deus, o homem mau é indiferente a Ele.

3. A noção de má consciência: da base antropológica à moral

O homem busca incessantemente o seu papel na sociedade, procura se afirmar como alguém com desempenho importante na relação com os demais, como observa Nietzsche (2009, p. 43): “Criar um animal que pode fazer promessas – não é esta a tarefa paradoxal que

a natureza se impôs, com relação ao homem? ” Com base nisso, vejamos qual a fundamentação dessa ideia em relação ao homem que encontra na memória o seu diferencial em relação aos outros animais: a ideia de o homem ser um animal capaz de fazer promessas. Segundo Nietzsche (2009, p. 46):

Esse antiquíssimo problema, pode-se imaginar, não foi resolvido exatamente com meios e respostas suaves; talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua mnemotécnica. “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” — eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra.

Nietzsche adentra no problema mais antigo do homem para buscar respostas a respeito da mnemotécnica², essa que cria no homem a memória e só se realiza pela instrumentalização da violência e das representações de valor. Isto é: na memória se implanta a primeira forma de pensamento causal e com ela permanece aquilo que for conveniente. Com base nisso, entende-se que o homem, dotado de razão e consciência desenvolve a habilidade da memória e assim a capacidade de fazer promessas. A memória o faz lembrar do que prometeu, porém, a mesma também é capaz de esquecer algo quando lhe é conveniente. Para compreender melhor este ponto vejamos o que diz Nietzsche (2009, p.43-4):

O homem no qual esse aparelho inibidor é danificado e deixa de funcionar pode ser comparado (e não só comparado) a um dispéptico — de nada consegue “dar conta”... Precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecer é uma força, uma forma de saúde *forte*, desenvolve em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos — nos casos em que se deve prometer: não sendo um simples não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, não a simples indigestão da palavra uma vez empenhada, da qual não conseguimos dar conta, mas sim um ativo não-mais-querer-livrar-se, um prosseguir-querendo o já querido, uma verdadeira *memória da vontade*:...

Ou seja, a sociabilidade do homem está relacionada à construção de esquemas e referências elementares para o agir, que tem como pressuposto antropológico a faculdade de rememoração. A memória tem contra si a mais poderosa das forças do organismo animal: o esquecimento. O estímulo da memória é dado através das representações de valor, sendo assim, o primeiro momento da memória é dado pelo pensamento casual, ou seja, a promessa diz respeito a lembrança da palavra empenhada, uma memória da vontade, um elo causal entre alguém que promete e o que faz, como resolução da promessa. É justamente por isso

² É o cultivo da memória.

que Nietzsche observa a relação entre a pré-história da memória e a reflexão sobre a origem da justiça (“tudo pode ser pago”). Assim como, cabe ressaltar, a formação da consciência moral é um processo conduzido pela violência e crueldade ajustadas para serem vistas como práticas penais no cenário jurídico da obrigação. Segundo Nietzsche (2009, p. 45):

O indivíduo soberano, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo supramoral (pois “autônomo” e “moral” se excluem), em suma, o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode fazer promessas – e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização.

Com isso, entende-se a busca do ser humano pelo indivíduo soberano na modernidade, esse que consiste na sua vontade própria, está além do que é imposto por outros, o homem que é superior aos outros seres da natureza, alguém independente e capaz de pensar e se orientar por si mesmo, sendo seu próprio “criador”, é consciente das coisas e dos acontecimentos à sua volta, seu único propósito é ser detentor do poder, obtê-lo e assim tornar-se livre.

Na questão de credor e devedor, o credor assume o “direito” sobre o devedor, para que possa cobrar a sua dívida do jeito que lhe for conveniente, caso o devedor não cumpra com a sua palavra, não honre o seu compromisso. O devedor perde o direito de si e, até mesmo, de seu próprio corpo. Ou seja:

Através da “punição” ao devedor, o credor participa de um direito dos senhores; experimenta enfim ele mesmo a sensação exaltada de poder desprezar e maltratar alguém como “inferior” – ou então, no caso em que o poder de execução da pena já passou à “autoridade”, poder ao menos vê-lo desprezado e maltratado. A compensação consiste, portanto, em um convite e um direito à crueldade. (NIETZSCHE, 2009, p. 50).

O homem sente necessidade em se mostrar mais forte, mais sábio, mais importante do que os demais, é uma luta constante em busca de poder, para saber quem é o mais forte. Dessa forma, ele encontra na punição uma forma de exercer sua força sobre o outro, como foi exposto na citação acima, o credor que financia algo para o indivíduo consegue se tornar “dono” do mesmo, quando visto que o devedor não cumpre com a palavra, deixando de honrar sua dívida, o credor assume o papel de senhor do seu devedor, podendo puni-lo, como um ato de cobrança de uma dívida, conforme ele (credor) deseje e para que assim sua dívida seja ressarcida. O devedor que falha no cumprimento de sua dívida, de alguma forma, deve

ser cobrado até que esta dívida seja quitada, sendo “irrelevante” o meio utilizado para cobrá-la, mesmo que esta cobrança possa ser vista como um ato cruel.

A má consciência está ligada intimamente ao ressentimento e nele o que persiste é o sentimento de vingança, onde existe apenas a idealização de uma vingança que lhe traga satisfação e recompensa. Vale ressaltar que o cristianismo, a moral e a metafísica são os elementos essenciais do *niilismo*³; e todos eles estão relacionados pelo “espírito de vingança”. Em meio a isso existe a vontade de verdade, essa que diz respeito ao medo do devir: a moral cristã cria um círculo de regras que dominam as virtudes do rebanho, buscando transformar em sinais de superioridade moral aquelas que são características da fraqueza.

O homem ativo, violento, excessivo, está sempre bem mais próximo da justiça que o homem reativo; pois ele não necessita em absoluto avaliar seu objeto de modo falso e parcial, como faz, como tem que fazer o homem reativo. Efetivamente por isso o homem agressivo, como o mais forte, nobre, corajoso, em todas as épocas possuiu o olho mais livre, a consciência melhor: inversamente, já se sabe quem carrega na consciência a invenção da “má consciência” – o homem do ressentimento! (NIETZSCHE, 2009, p. 58).

Com base na citação acima, podemos destacar a ideia de que o homem nobre, forte, é livre, pois ele almeja e realiza sua vontade, diferente do homem ressentido que, pode-se concluir, como o homem fraco, diferente do nobre, esse que não busca realizar suas vontades e assim acaba preso dentro de si mesmo, preso ao ressentimento, a má consciência, que o limita a ser o que ele já é, ou seja, o impede de tentar ser algo diferente, melhor, mais forte do que é. O homem forte, bom, não precisa se prender a nada, como também não é dependente de terceiros, vendo-se como único necessário para existir ou para progredir e ser o que deseja.

Ainda como consequência de uma má consciência encontramos o castigo, que em um primeiro momento, se reflete através da vingança, por sua vez quando se busca a finalidade do castigo não se encontra, de fato, chegando até a disputa de poder, o mais forte castiga o mais fraco. Num sentido religioso, o castigo serve para castigar, para punir os pecadores, aqueles que foram “maus” e, portanto, merecem ser punidos, castigados. Ou seja, o mais forte se sobrepõe ao mais fraco, no caso da religião o mais forte é chamado de Deus, o mais fraco são seus servos, os homens, levando consigo, conduzidos pela má consciência, o sentimento de culpa, o remorso por ter agido errado. Nesse sentido:

³ Oposição aos valores morais tradicionais e crenças metafísicas.

Assim se imaginou o castigo como inventado para castigar. Mas todos os fins, todas as utilidades são apenas indícios de que uma vontade de poder se assenhoreou de algo menos poderoso e lhe imprimiu o sentido de uma função; e toda a história de uma “coisa”, um órgão, um uso, pode desse modo ser uma ininterrupta cadeia de signos de sempre novas interpretações e ajustes, cujas causas nem precisam estar relacionadas entre si, antes podendo se suceder e substituir de maneira meramente casual. (NIETZSCHE, 2009, p. 61).

Com base nas informações, destacamos na ideia de castigo a busca pelo poder, o homem que deseja se tornar, sempre, mais forte, para que assim possa controlar o menos forte, dessa forma cria-se uma cadeia onde existe o jogo de poderes, sempre haverá o mais poderoso imperando sobre o menos poderoso. O castigo foi o nome atribuído para justificar a finalidade de torturar, desrespeitar o semelhante, com a justificativa de necessidade, ou seja, o sujeito que é castigado de alguma forma merece tal coisa, sendo esta prática algo “necessário” que em algum momento irá gerar um aprendizado para alguém, seja para quem recebe o castigo ou para quem o presencia.

Entretanto, é importante analisar a questão da relação entre a noção de dívida (base antropológica e jurídica) com a noção moral de culpa, vejamos o que fala Giacoia (2014, p. 52):

[...] pretendo reportar esse conjunto de questões à genealogia do Estado, tal como pensada por Nietzsche, e, para tanto, recorro inicialmente a uma de suas fontes. Inspirado parcialmente nos estudos de Rudolph von Jhering sobre o direito romano, Nietzsche procede a uma reconstituição genealógica do sentimento de justiça. Ao fazê-lo, ele interpreta a figura penal do *bando* (*Bann*), oriunda do primitivo direito germânico como transposição da *obligatio* de direito pessoal, vigente entre credor e devedor, para o plano das relações entre as organizações sociais pré-estatais (comunidades de estirpe) e seus membros. Para Nietzsche, o banimento germânico constitui de expulsão do infrator das esferas de proteção garantidas pelo ordenamento jurídico-político consuetudinário.

A figura do banimento indica a expulsão do infrator das esferas de proteção e da ordem jurídica da comunidade, isto é, desligamento seguido ao rompimento da obrigação, que vincula os membros de uma sociedade à obediência e seus usos e costumes. Ou seja, é dessa fonte antropológica e jurídica que Nietzsche situa a história de proveniência da religião. Os primeiros aspectos do sentimento religioso derivam de uma ressignificação da matriz do débito e crédito econômico-jurídicos, que passa a dar sentido às relações entre as gerações existentes e os antepassados, fundadores das primeiras comunidades. A comunidade deve a vida sob a proteção da sociedade, a paz, a lei, e a prosperidade (onipotência do divino). A

reverência, o culto e a obediência, são os equivalentes com que se pode quitar essa dívida. Na acepção da moral cristã, o credor passa a ser Deus, os homens, os devedores. É por tal motivo que se explica a obediência aos valores suprassensíveis enraizados em Deus: garantir um lugar no reino dos céus.

Em uma outra perspectiva analisemos o que Nietzsche fala sobre o castigo (2009, p. 64): “Castigo como declaração e ato de guerra contra um inimigo da paz, da ordem, da autoridade, que, sendo perigoso para a comunidade, como violador dos seus pressupostos, como rebelde, traidor e violentador da paz, é combatido com meios que a guerra fornece.” Contudo, esta prática reside, ao mesmo tempo, na punição de alguém por um erro cometido, por um desvio de atitude tido como adequado, servindo também de prevenção para que outros ao verem o indivíduo castigado por descumprir determinada ordem não façam o mesmo que ele. É uma forma de garantir que a ordem seja mantida e as regras respeitadas. Porém, o castigo nem sempre quer dizer que alguém fez algo “errado”, na verdade o castigo serve para preservar uma ideia específica adotada como certa por um determinado povo, que segue determinado costume, ir contra tal costume quer dizer descumprir a ordem e ser, assim, merecedor de punição.

Na visão de Nietzsche, a má consciência é uma doença que acomete o homem e o faz lutar contra si mesmo, reprime sua liberdade e o afoga em seus instintos. Esse que, por sua vez, esquece o seu instinto natural, sua vontade, com isso vem o acúmulo de vontades, e assim permanece guardado dentro do ser, o homem abdica da sua própria existência.

Na má consciência, o homem é separado do ser natural. Na obra de Nietzsche *A vontade de poder* (2011, p. 30), encontramos a seguinte afirmação: “Enquanto acreditamos na moral, condenamos a existência”; a existência está comprometida, enquanto o sujeito se mantiver ligado a conceitos morais e religiosos e abdicar das suas necessidades ele não viverá, será sempre a sombra de algo que poderia ser. O sujeito não encontrará sua finalidade e, portanto, estará ligado ao ressentimento, à má consciência. A má consciência é uma doença que reprime a liberdade, afoga o indivíduo em si mesmo.

A convicção prevalece de que a comunidade subsiste apenas graças aos sacrifícios e às realizações dos antepassados — e de que é preciso lhes pagar isso com sacrifícios e realizações: reconhece-se uma *dívida* [*Schuld*], que cresce permanentemente, pelo fato de que os antepassados não cessam, sua sobrevida como espíritos poderosos, de conceder à estirpe novas vantagens e adiantamentos a partir de sua força. (NIETZSCHE, 2009, p. 71).

Com base numa polissemia contida no termo alemão ‘*Schuld*’ (dívida/culpa), Nietzsche enfatiza que os principais conceitos, sentimentos e estimativas morais de valor derivam da ressignificação das antigas formas do direito privado, noções de dever e dívida. Ora, o sentimento moral de culpa absorvido pelo discurso religioso, vigente no foro íntimo, é uma variação qualitativa do sentimento jurídico de ter dívidas, uma alteração do credor e do devedor econômico-jurídico em instâncias internas da consciência de culpa (má consciência).

E com isso adentramos no campo dos conceitos da moral cristã, onde nos deparamos com a *culpa*, baseada numa relação com o Deus cristão, onde a crença perpassa como herança, um costume familiar que vem desde os antigos antepassados onde gira em torno de uma regra que quando não seguida conforme se deve, indo em direção contrária ao que têm-se como certo, de acordo com a moral religiosa, o que resta no homem cristão é o sentimento de culpa, que ataca a consciência. O ateísmo, sugere Nietzsche, é a fuga dessa culpa, é a “esperança” de uma liberdade do homem, não podemos nos culpar por algo que não acreditamos ser errado.

O *niilismo* colabora a essa ideia de ateísmo, vendo que seu objetivo é não afirmar nada sobre algo, descrer de tudo que pode ser dito com certeza, é a visão crítica e racional das coisas. Vejamos a seguinte colocação de Nietzsche em sua obra *A vontade de poder*:

Niilismo é então o tornar-se consciente do grande e duradouro desperdício de força, o tormento “em vão”, a insegurança, a falta de oportunidade de recuperar-se de qualquer modo, de ainda repousar sobre alguma coisa - a vergonha de si mesmo, como de alguém que se tivesse enganado durante muito tempo... [...] ou mesmo o partir para um estado de nadificação universal – um fim ainda é sempre um sentido. (NIETZSCHE, 2011, p. 31).

Com isso, podemos destacar na ideia de *niilismo* o sujeito que se desprende de conceitos morais onde se vê julgado pela culpa, pelo ressentimento, pelo castigo, cercado por pensamentos que desaguam na má consciência, não acreditar no Deus credor e no homem devedor implica em não sacrificar a vida em função de algo que não passa de uma *fábula*. O cristianismo impõe a ideia de Deus como um ser supremo, de amor e sabedoria infinitas, esse é o credor dos homens fracos e oprimidos. A dívida que o homem tem com Deus vem desde o início dos tempos, quando Adão e Eva foram expulsos do paraíso, quando ambos comem o fruto proibido e assim enxergam a vergonha, o pecado, percebem a noção de mau; herdamos deles essa dívida, nascendo e permanecendo no pecado cristão. Como diz Nietzsche (2009, p.

74): “Adão é o pecado original”. A criação de Deus falhou e descumpriu a lei divina, trazendo consigo o fardo que a humanidade deve carregar ao mesmo tempo em que tenta a redenção.

A busca por respostas e recompensas para a vida terrena limita o indivíduo, pondo-o a almejar a vida no nada, colocar a existência de um ser que não se conhece, não se tem certeza da existência, acima de si mesmo é um equívoco. Antes de amar o outro é preciso amar a si mesmo, antes do outro existe o eu. O dito sacrifício de Jesus é um golpe (uma arma) do cristianismo para prender os cristãos a Deus (a religião), nós devemos a vida a um deus que deu a vida por todos nós. Diz Nietzsche (2009, p. 75): “ O credor que se sacrifica pelo seu devedor”. Essa colocação indica que o amor de Deus por nós é maior do que tudo, capaz de fazê-lo “morrer” pela sua criação e com essa ideia, de abdicar a vida em prol do amor pelo outro, vem o jogo de manipulação do cristianismo, precisamos ser gratos a Deus, precisamos abdicar da vida por Ele assim como ele abdicou da vida por nós, com isso, surge a má consciência, eis aqui o que prende o homem aos ideais ascéticos da religião.

Através do medo de não saber para onde se vai após a existência na terra, buscando encontrar finalidade na vida, o homem ressentido se depara com a Igreja, essa que semeia nele a esperança de uma existência além da vida que se conhece e assim cria o sentido e a recompensa pela interiorização dos instintos. Essa é a grande fraqueza do homem e por onde ele se prende. Nas palavras de Nietzsche (2009, p. 77):

Já por tempo demais o homem considerou suas propensões naturais com “olhar ruim”, de tal modo que elas nele se irmanaram com a “má consciência”. Uma tentativa inversa é em si possível – mas quem é forte o bastante para isso? – ou seja, as propensões inaturais, todas essas aspirações ao Além, ao que é contrário aos sentidos, aos instintos, à natureza, ao animal, em suma, os ideais até agora vigentes, todos ideais hostis à vida, difamadores do mundo, devem ser irmanados à má consciência.

Diante disso, nota-se que essa é a visão através de um olhar onde a vida é contemplada diante de uma perspectiva má, dolorosa, vida que não merece ser vivida, onde o homem que para ser bom deve renegar sua natureza que, até então, é vista como ruim. Contudo percebe-se que o homem quando induzido a julgar suas vontades, seus desejos como algo ruim, algo que não pertence ao reino de Deus, sente-se “obrigado” a rejeitar a si para se igualar aquilo que é visto como ideal aos olhos de Deus, mantendo-se preso em suas aspirações, fugindo de si mesmo com o intuito de não ser ruim, de poder se tornar um sujeito bom.

A partir disso nota-se a diferença entre os ditames divinos, impostos ao homem pela Igreja, e a vontade natural do homem. A Igreja prega a santidade de Deus que o homem, mesmo não sendo capaz de se igualar a esta santidade, deve, ao menos, tentar buscar um meio de segui-la, buscar ser o homem *bom*, porém está tentativa de ser “digno” de Deus requer que o indivíduo renegue o seu ser natural, abstenha-se de si mesmo para se dispor a Deus. O homem é um animal consciente de seus atos, predisposto a pensar, refletir, ser moral. Toda essa noção de pecado, castigo, *bom* e *ruim*, está ligado a moral cristã, a má consciência, o homem que se culpa e se priva da vida terrestre para agradar a uma divindade sobrenatural.

4. O ascetismo como fundamento da moral cristã

O que significa ideal ascético? Para que se possa chegar a esta resposta é importante destacar alguns pontos a despeito desta pergunta. Segundo os artistas ele pode ser muita coisa, ao mesmo tempo que pode não ser nada, mantém-se na busca de um sentido em relação a algo. Por outro lado, para os filósofos, seu sentido está no contexto espiritual, podemos dizer que seriam os propósitos e ideias que regem o homem. Vejamos a seguinte afirmação:

[...] um pretexto para hibernação, sua novíssima *gloriae cupido* [novíssima cupidez de glória], seu descanso no nada (“Deus”), sua forma de demência. Porém, no fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu *horror vacui* [horror ao vácuo]: ele precisa de um objetivo – e preferirá ainda querer o nada a nada querer. (NIETZSCHE, 2009, p. 80).

Neste sentido, nota-se a ideia de que o homem busca crer em algo, mesmo que seja no nada, na incerteza, na inexistência real material, o homem contém em si um vazio que sente a necessidade de preencher, a incompletude dentro de si o faz buscar algo para que, assim, possa preencher-se de qualquer forma, procurando, uma existência qualquer. Exteriorizando, assim, a mais ingênua tolice do indivíduo, esse que busca abrigo sem ter onde se abrigar, busca enxergar uma explicação divina, onde se tem, apenas, a realidade do homem, o sofrimento sem glória, sem êxito, sem divindades. O medo que ele tem de si, de não ser recompensado, em algum momento, o torna fraco e dependente de outrem, sem pensar se, de fato, esse outro é real ou não. O homem prefere se iludir, se prender a uma suposição, ao invés de encarar a realidade, o devir e se libertar de qualquer ideal de caráter metafísico.

Nietzsche acredita que a descrença no ideal metafísico deve ser praticada, o homem renegando as divindades, assim como seus ideais morais, onde o sujeito deve se omitir para que o ser divino se sobreponha, dessa forma ele poderá viver em função da afirmação de si mesmo. Romper o elo entre humanidade e reino dos céus, para que o homem possa, portanto, viver na realidade que rege o mundo em seu vir-a-ser. O homem não deve se acovardar diante das suas vontades naturais, ao contrário, ele deve lutar para que elas se tornem reais. Vejamos o que diz Feiler (2011, p. 52-3):

É precisamente no campo do ideal ascético que Nietzsche denuncia aquele ponto de confluência entre moral e vontade de verdade, como refúgio para aqueles que se eximem do vir-a-ser rumo ao sem sentido, acabando por forjar nada mais que uma ilusão que possa dar justificativa ao seu existir, [...]. Ao invés de fundamentar esse existir no mundo terreno, transfere-o para um outro mundo presidido pela vida eterna, pela verdade, pelo ser e pela unidade.

É no ideal ascético que Nietzsche encontra um viés para afirmar que a moral serve de refúgio para aqueles que se escondem do seu vir-a-ser, a moral confere um sentido baseando-se nos costumes de um dado povo, por outro lado, a vontade de verdade busca o conhecimento e, assim, libertar o vir-a-ser para o existir no mundo terreno. O ideal ascético caminha em direção ao que é sem sentido, ao que não pertence, que é diferente deste mundo.

Quando se menciona ao filósofo a questão do ideal ascético, ele pensa antes de mais nada, a respeito de si mesmo, qual o seu propósito diante da existência do ascético, e assim vê que o importante é: enxergar a si mesmo e estar longe de tantas imposições, questionamentos, como diz Nietzsche (2009, p. 90): “Eles pensam em si – que lhes importa “o santo”! Pensam no que lhes é mais indispensável: estar livre de coerção, perturbação, barulho [...]” – a existência do deus interior e independente de uma doutrina cristã.

O ideal ascético bate de frente com a filosofia quando se posta frente a ideia de Deus. A filosofia acredita no homem independente e dono de si, capaz de pensar e criar ideias e coisas, o homem como autossuficiente, enquanto o ascetismo prega a doutrinação por intermédio de outro, um ideal metafísico, a busca para agradar a Deus. Ele considera a vida um erro: invenção de um além para caluniar o outro; de um outro mundo que só se explica pelo cansaço da vida que impera na moral, na religião e na filosofia. O ideal ascético, nesse sentido, constitui o sistema moral do ressentimento e da má consciência, os meios de organização da moral judaico-cristã. O que caracteriza a moral é ela ser a maior caluniadora

da vida, portanto, a moral cristã é niilista, vontade de nada. Nietzsche (2009, p. 90) observa o seguinte:

[...] eles pensam no ideal ascético como o jovial ascetismo de um bicho que se tornou divino e ao qual nasceram asas, que antes flutua sobre a vida do que nela pousa. Sabe-se quais as três palavras de pompa do ideal ascético: humildade, pobreza, castidade; observemos de perto as vidas dos grandes espíritos fecundos e inventivos – todas as três serão sempre encontradas até certo grau. Não entende-se, que sejam talvez “virtudes” suas – que tem essa espécie de homens a ver com virtudes! – Mas as condições mais próprias e mais naturais de sua existência melhor, de sua fecundidade mais bela.

Diante desta afirmação, seguindo o pensamento filosófico a respeito do que significa o ideal ascético, o entendemos como uma criação de algo que foi posto como divino, semelhante ao homem, mas ao mesmo tempo diferente dele. A partir deste prega-se obrigações e tarefas que em sua maioria não é cumprida ou proferida como se faz. Ou seja, humildade, pobreza, castidade, são juramentos que o sacerdote faz para ser um servo de Deus, um instrutor de Deus para os homens, eis que vem a realidade, a Igreja como um órgão que recolhe e acumula bens, a humildade que se transforma em busca pelo poder e domínio do povo, a castidade que se mascara em não compartilhar os bens que adquire. A virtude pregada pelos sacerdotes se rompe quando o poder está em jogo. O instinto do homem em algum momento sentirá necessidade de se exteriorizar, de colocar-se para fora de si mesmo, e se saciar do que deseja.

O ideal ascético atribui a vida sem a adoração a Deus como uma vida que não merece ser vivida, cheia de pecados e erros, movida pelos devaneios humanos, pela ação animal do sujeito que não cumpre com as vontades do ser divino. Para Nietzsche (2009, p. 98):

O sacerdote ascético tem nesse ideal não apenas sua fé, mas também sua vontade, seu poder, seu interesse. Seu direito à existência se sustenta ou cai com esse ideal: como admirar que encontremos aqui um adversário terrível, supondo-se que sejamos adversários desse ideal? Um adversário tal que luta por sua vida, combatendo os que negam esse ideal?...

Com isso, compreendemos que a base do ideal ascético consiste em dizer *não* à vida, com o intuito de criar e preservar novas condições de existência conforme o ideal do ascetismo. O ascetismo se aproveita da vontade enfraquecida, doente, sem estímulo diante da vida e com isso cria-se uma nova perspectiva de vida onde o ascetismo serve de estímulo para viver, ou seja, aqueles que estavam doentes e não sentiam apreço pela existência encontram

no ascetismo um ideal para seguir e assim tendo algo que o estimule, defenda a vida contribuindo para o propósito de adaptação e preservação da vida.

O pensamento em torno do qual aqui se planeja, é a valoração de nossa vida por parte dos sacerdotes ascéticos: esta (juntamente com aquilo a que pertence, “natureza”, “mundo”, toda a esfera do vir a ser e da transitoriedade) é por eles colocada em relação com uma existência inteiramente outra, a qual excluiu e à qual se opõe, a menos que se volte contra si mesma, que negue a si mesma: nesse caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência. (NIETZSCHE, 2009, p. 98).

O sacerdote ascético, como já foi mencionado anteriormente, busca dar sentido à vida daqueles seres que perderam a vontade de viver (que estão doentes), com isso, o ideal ascético desenvolve em seus doentes o estímulo em relação a vida dando-lhes a expectativa de que existe uma vida posterior a essa que conhecemos, que se vive, sendo esta vida uma porta de entrada para este outro mundo, ou seja, tudo o que se vive agora serve como ponte para um outro mundo (metafísico), e sendo assim é preciso agir “bem” para que o indivíduo possa atravessar esta ponte e chegar ao outro lado, para contribuir com esse bem agir o homem deve negar a si mesmo, negando a si mesmo o homem recebe a oportunidade de viver outra vida e nela tudo que lhe atormenta, toda dor e sofrimento serão recompensados neste outro mundo, nesta outra vida e então valerá a pena o sofrimento vivido, bem como a negação de si mesmo. E assim o homem doente, desgraçado, ver-se como um homem bom que, um dia, será recompensado por tudo de ruim que viveu. De acordo com Nietzsche (2009, p. 111):

A mitigação do sofrimento, o “consolo” de toda a espécie – isto se revela como seu gênio mesmo; com que inventividade compreendeu ele sua tarefa de consolador, de que modo irrefletido e ousado soube escolher os meios para ela” o cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos meios de consolo, pelo tanto aliviador, narcotizante que há nele acumulado, pelo tanto de perigoso e temerário que arriscou para esse fim, pelo modo sutil, refinado, meridional-refinado com que intuiu sobretudo os afetos estimulados com que pode ser vencida a funda depressão, o cansaço de chumbo, a negra tristeza dos fisiologicamente travados.

Com isso, entende-se que a moral cristã prega o alívio para o sofrimento, para a dor, justificando a vida de uma forma onde o que vigora é o propósito divino, seja de ensinar, preparar o indivíduo para viver por Deus e junto a Ele, fazendo com que o mesmo acredite que a dor que sente está em meio a um propósito divino, que só Deus é capaz de entender tal dor e assim só ele pode curá-la. O cristianismo detém o maior dos poderes, ele serve de

alicerce para aqueles que são fracos e impotentes e não possuem coragem para buscar o seu bem-estar, lutar por si mesmo, e assim deposita toda sua vida, seja a desgraça ou a alegria nas mãos de Deus. Desse modo, a Igreja exerce sobre o homem todo o seu poder, determinando sua existência, dando-lhes uma finalidade: servir a Deus. Segundo Feiler (2011, p. 29):

Nietzsche deixa transparecer que o problema não está tanto na existência ou não de Deus, mas, no modo pelo qual esta existência tem se sustentado na cultura ocidental, não tem sido outro que a razão em um sistema de valores, tido como sem sentido. A crítica ao cristianismo, longe de ser aquele cristianismo como prática de vida, legado por Jesus de Nazaré, [...], mas entendido como um corpo doutrinário apresentado sob a forma de um esquema racional, parece encoberta por uma crítica maior, que é a crítica ao racionalismo no qual a cultura do ocidente tem mergulhado.

De acordo com Feiler, para Nietzsche o problema não está na ideia de Deus existir ou não e sim com a forma que se faz referência a essa possível existência, o modo como esta possibilidade divina é sustentado: “através de um sistema de valores sem sentido”. Esse que não é uma doutrinação da vida, um ensinamento para viver, na verdade, se trata de um sistema racional que busca criticar e bater de frente com o racionalismo vivido pela cultura ocidental. Ou seja, o problema de Nietzsche é com a pregação a respeito de Deus, o uso do racional para provar algo irracional. O legado pregado não é o de Jesus, é o legado do homem.

A busca pela finalidade na vida humana faz o indivíduo refletir a partir das coisas que estão expostas em seu meio, o que pode vir a lhe causar certa aflição, caso ele seja pré-disposto a má consciência, a vigência dos costumes religiosos o influencia a crer que a sua natureza é errada, bem como ele é homem que representa a imagem e vontade de Deus. Para Nietzsche (2009, p. 115): “O alívio consiste em que o interesse do sofredor é inteiramente desviado do sofrimento – em que a consciência permanentemente tomada por um afazer seguido de outro, e em consequência resta pouco espaço para o sofrimento: pois ela é pequena, esta câmara da consciência humana!” Eis que o ser humano se rende aos encantos religiosos e se deixa levar pelos pensamentos prontos e confortáveis em relação a vida, dando-lhe a certeza de que existe o reino dos céus, assim ele perde a consciência de si mesmo, aceitando todo o sofrimento e humilhação, porém encontra na Igreja o conforto para o espírito aflito.

Nós, “homens do conhecimento”, somos enfim desconfiados em relação a toda espécie de crenças, nossa desconfiança gradualmente nos ensinou a concluir o inverso do que outrora se concluía: isto é, toda vez que a força de uma fé aparecer com grande evidência, concluir por uma certa fraqueza da

demonstrabilidade, pela improbabilidade mesma daquilo que é acreditado. Tampouco nós negamos que a fé “torna bem-aventurado”: justamente por isso negamos que a fé demonstre algo – uma fé forte, que torna bem-aventurado, levanta suspeita quanto ao que se crê, não estabelece “verdade”, estabelece uma certa probabilidade – de ilusão. (NIETZSCHE, 2009, p. 128).

Ou seja, a crença não trabalha com verdades racionais, com a consciência do indivíduo, ela os leva a crer, a se conduzir a partir de ilusões, com a possibilidade das recompensas que o recuo à vida humana pode trazer, crendo numa existência além da que se conhece, apelando para a fraqueza do homem: sua vontade de acreditar em qualquer coisa, mesmo que seja no nada. Nesse sentido, o ascetismo desperta nos homens a fé na ilusão, o abandono da noção de realidade/devir, vivendo no mundo de suposições e ilusões que transportam o sujeito para uma outra dimensão cheia de crenças e ideais eternos e imutáveis. Segundo Nietzsche (2009, p. 129):

[...] todos esses pálidos ateístas, anticristãos, imoralistas, niilistas, esses céticos, eféticos, hécticos do espírito (todos sem exceção, de um modo ou de outro), esses últimos idealistas do conhecimento, únicos nos quais habita e está hoje encarnada a consciência intelectual – eles se creem tão afastados quanto possível do ideal ascético, esses “espíritos livres, muito livres:” e no entanto, eu aqui lhes revelo o que eles próprios não conseguem ver — pois estão demasiado próximos a si mesmos —: esse ideal é também o *seu* ideal, eles mesmos o representam hoje, ninguém mais talvez, eles mesmos são o rebento mais espiritualizado desse ideal, sua mais avançada falange de guerreiros e batedores, sua mais insidiosa, delicada e inapreensível forma de sedução — se jamais fui um decifrador de enigmas, quero sê-lo com esta afirmação!...

Diante desta afirmação, entende-se que aquele que deseja ser livre vive longe de ideais ascéticos, longe de ilusões que o prendam a existência do nada, longe de inverdades que o façam esquecer da razão. Pois a liberdade está contida no homem que afirma a si mesmo, que enxerga em si o seu próprio fundamento, mentor dos seus atos e pensamentos, mediador de sua vontade.

É preciso combater esse ideal ascético, para que assim o homem possa se desprender dele e se tornar um ser livre. Vejamos a seguinte afirmação de Nietzsche (2009, p. 137): “Em toda outra parte, onde o espírito esteja em ação, com força e rigor, e sem falseamento, ele dispensa por completo o ideal – a expressão popular para essa abstinência é “ateísmo” -: excetuada a sua vontade de verdade. ” Ou seja, o ateísmo é a fuga de que o homem precisa

para se libertar da prisão ascética e encontrar a verdade, através da razão e do pensamento racional:

O ateísmo incondicional e reto (- e somente seu ar é o que respiramos, nós, os homens mais espirituais dessa época!) Não está, portanto, em oposição a esse ideal, como parece à primeira vista; é, isto sim, uma das últimas fases do seu desenvolvimento, uma de suas formas finais e conseqüências internas – é a apavorante catástrofe de uma educação para a verdade que dura dois milênios, que por fim se proíbe a mentira de crer em Deus. (NIETZSCHE, 2009, p. 137).

O intuito do ateísmo é buscar a verdade e, assim, mostrar que a moral cristã se fortalece e conquista seu povo a partir de milagres, como, por exemplo, a passagem de Jesus pela terra, fazendo com que pessoas que antes não podiam enxergar recuperassem a visão, assim como a história de que ele morreu (sendo crucificado) e após três dias ressuscita. A moral cristã busca propagar essa imagem para o povo como verdade absoluta, quando, na verdade, ela se funda em um ideal metafísico que dá vida ao nada de forma suprema, colocando nele a existência de um ser superior cheio de amor e benevolência, ao qual deve-se total dedicação e abnegação. Porém, é importante pensar de forma ateísta para compreender que existe uma verdade racional das coisas e é nela que o indivíduo deve se firmar, tomando como base para sua existência aquilo que é dotado da natureza de si e, assim, conhecedor da verdade. Segundo Feiler (2011, p. 67-8): “Essa crença, na verdade e no ideal ascético, revela uma faceta da ciência que é empobrecedora da vida, pois entram em cena com ela a moral, a metafísica, a religião. Ambas, ciências e religião, acabam sacrificando seus esforços no mesmo altar da verdade. ” Mas, mesmo que a ciência e a religião tratem o mundo de um modo diferente, chegando a ser contraditório, a questão é que ambas, ciência e religião, buscam encontrar e afirmar uma verdade absoluta.

5. Considerações finais

Tendo em vista os aspectos observados no decorrer deste trabalho, é possível concluir que Nietzsche não direciona sua crítica à existência de Deus necessariamente, ele demonstra insatisfação em relação a ilusão construída pela Igreja em torno da vida, uma existência além da terrena, e dessa forma constrói uma crítica tomando como referência o *valor* dos valores morais para fazer a relação sobre o método utilizado pelos sacerdotes ascetas para conquistar e se impor sobre os demais.

De acordo com os estudos de Nietzsche em relação aos valores *morais*, na *Genealogia da moral*, foi possível constatar que o homem atribui ao nada uma existência divina, metafísica, capaz de dar sentido à vida e à morte. Dessa forma, a moral do ressentimento conduz o indivíduo a crer na existência pós-morte, pois ele precisa crer em alguma coisa, sendo preferível crer em nada do que em nada crer.

Em sua abordagem em torno dos valores da moral cristã, Nietzsche faz um estudo sobre a genealogia da moral, observando os valores que caracterizam o *bom* e o *ruim*, com isso, ele constata que nessa perspectiva existe a visão aristocrata (pagã) e a visão plebeia (judaico-cristã). Na primeira, é dito que o homem *bom* é alguém forte, destemido, nobre, por outro lado, existe o *ruim* esse que é caracterizado por ser o contrário de *bom*, sendo fraco, inibido, comum, plebeu. Na segunda forma, acontece a transmutação dos valores morais onde o que era bom se torna *mau* e o que era *ruim* se torna *bom*. Agora ser fraco e comum é algo *bom*, enquanto que ser forte e destemido é algo *mau*. A moral cristã faz o homem acreditar que sua impotência e negação da vida, que caracterizam o niilismo negativo, se tornaram algo *bom*.

É com essa perspectiva da moral cristã, *bom* e *mau*, que observamos o indivíduo conduzido pelos valores cristãos, ele passa a enxergar seus impulsos e afetos primitivos como uma inclinação ao *mau* e, por conseguinte, não faz parte da vontade de Deus, sendo necessário ao homem reprimir tal natureza, ou seja, deve renegar seu instinto de ser humano para agradar a vontade de Deus. A partir disso, conclui-se que o homem deve abster-se da vida terrena para satisfazer o desejo divino.

A vontade de Deus é repassada ao povo com base na história contada pelos sacerdotes. Onde existe um ser supremo a quem atende pelo nome de Deus e, com base nessa teoria, o homem deve ser bom e servidor Dele. Com essa premissa os sacerdotes criaram uma ilusão onde diz que existe uma vida além desta e nela (vida) aquele que renunciar a vida terrena e se guardar para viver conforme a graça divina traçará um caminho próspero em direção ao reino dos céus, agraciado com as recompensas e a eternidade no mundo metafísico. Entretanto, essa rejeição do devir e a sua natureza torna o homem fraco e pré-disposto ao sentimento de culpa e ao ressentimento, esses que dão origem a má consciência.

Relacionada ao conceito de má consciência encontramos a noção de *culpa* (*Schuld*), onde o sujeito recebe como herança familiar a tradição de determinados costumes voltados à

religião, esses que se forem descumpridos resultará no sentimento de culpa. Com isso, segue a ideia de ressentimento, o homem que se renega, se acovarda diante da vida depreciando-se e revivendo momentos de desilusão, passando a idealizar uma vingança a partir da qual poderá obter algum tipo de recompensa que o satisfaça e justifique sua existência fraca e impotente. É através da doutrinação da Igreja que o ser humano encontra o conforto que lhes faltava.

E assim chega-se ao ideal ascético, o dogma pregado pela Igreja, esse que é tão criticado por Nietzsche, por criar uma tábua de valores metafísicos que devem nortear a existência além da vida terrestre, a vida no reino dos céus, mantida por conceitos eternos e imutáveis, pregados como certeza absoluta. Tais valores estimulam o homem a renegar seus impulsos e afetos, pois são vistos como um erro, como algo ruim, renegando a sua existência concreta para seguir um padrão divino, porém este padrão implantado e profetizado na Igreja nada mais é do que criação do próprio homem, na figura do sacerdote asceta, para exercer um tipo de domínio negativo sobre os outros homens. O indivíduo que na vontade de se afirmar em relação a vida busca uma crença qualquer, seja real ou não, prefere acreditar que existe alguma coisa, não importa o quê, contanto que faça sentido para ele, que ele seja assegurado sobre a sua finalidade na vida, preferindo essa afirmação ilusória ao invés de não poder nada afirmar sobre ela (vida).

E, por fim, chegamos à conclusão de que a transmutação dos valores morais acaba por beneficiar o domínio da moral judaico-cristã, serve para intervir na visão que se tem do outro e de si mesmo, e o resultado dessa intervenção será alguém concebido como *bom* ou *mau*. Por outro lado, a religião nada mais é do que uma forma encontrada pelo homem para se sobrepor aos demais e, dessa forma, alcançar o poder e se tornar mais forte e superior aos outros. O foco religioso não é pregar o amor e as graças de Deus ou o sacrifício de Jesus por amor aos homens, como os sacerdotes querem que se pense, na verdade, Deus serve como fundamento metafísico na busca pelo domínio do ascetismo e pela conservação de um tipo de vida fraca e reativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

FEILER, Adilson F. *Nietzsche: sujeito moral e cultura cristã*. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

GIACOIA, Oswaldo. *Estado, democracia e sujeito de direito: para uma crítica da política contemporânea*. Brasília: Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, 2014.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *A vontade de poder*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

_____. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, a minha Virgem Maria por não permitir que eu desistisse, por me manter fortalecida a cada dia deste curso e da minha vida.

A minha amada e admirável mãe, meu porto seguro, Vitória do Socorro de Mendonça, que mesmo não tendo a oportunidade de estudar sempre nos estimulou e fez de tudo para que tivéssemos uma boa educação e assim tendo oportunidades de uma vida melhor. É pela senhora que estou aqui. Te amo!

A minha irmã adorada, Isabelly, que me ouviu nos dias de agonia, ouviu minhas lamentações assim como meus estudos e explicações acerca daquilo que ela não queria ouvir, mas ouvia gentilmente. Amo você, bebê!

Ao meu sobrinho, Miguel, que na tentativa de conversar e interagir comigo me fazia estudar, pois dizia ele – eu já sei o que isso significa! – O seu amor e a sua curiosidade, de criança, me fizeram querer refletir sobre as coisas da vida e do mundo. Me fizeram querer saber mais. Te amo, cara!

Aos meus queridos e amados Pe. Rômulo e Rafael, que no momento que eu mais precisei estiveram ao meu lado, fazendo-me sentir mais forte. Obrigada pelo carinho, pela amizade, pela acolhida, pelos puxões de orelha, obrigada por estarem na minha vida.

Ao meu pai, Evandro, ao meu esposo, Danilo, a vida é bem mais fácil e estimulante quando se tem a quem amar!

Aos meus primos, Letícia e Douglas, que estiveram presentes neste percurso e fazem parte da minha vida. Obrigada!

Ao meu orientador, Thalles, que é um jovem professor, mas dono de um vasto conhecimento. Obrigada pela ajuda e pela paciência.